

## O HIV/AIDS entre os jovens no Brasil: revisão integrativa da literatura

HIV/AIDS among young people in Brazil: integrative literature review

---

*Gustavo Neves Vieira<sup>1</sup>, Luan Moraes Ferreira<sup>1</sup>, Randerson José de Araujo Sousa<sup>1</sup>, Ana Gabriela de Sousa Costa<sup>1</sup>, Lígia Amaral Filgueiras<sup>2</sup>, Yane Santos Almeida<sup>2\*</sup>*

---

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Pará, Graduação em Medicina, Santarém, Pará, Brasil

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Pará, Departamento de Ciências Naturais, Santarém, Pará, Brasil

Autor para correspondência: Gustavo Neves Vieira

Universidade do Estado do Pará

Travessa NS-3, 41, Conjunto Cohab, Interventoria, CEP: 68020-111

Santarém, Pará, Brasil

Tel: +55 93 99178-5831

*E-mail: gustavonevesvieirauupa@gmail.com*

**Submetido em 03/09/2020**

**Aceito em 27/10/2020**

DOI: <https://doi.org/10.47456/hb.v2i1.32460>

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi perceber como a transmissão do HIV/AIDS se processa entre os indivíduos jovens brasileiros. Realizou-se uma revisão integrativa no período de 2015 a 2019. Adotaram-se as bases de dados: BVS, SciELO, MEDLINE, BDENF, CVSP - Brasil e Index Psicologia, junto aos descritores “HIV”, “Jovens” (Young) e “Brasil” (Brazil). Além dos critérios de inclusão e exclusão, adotaram-se as seis fases do processo de elaboração de uma revisão integrativa para a seleção e análise crítica dos artigos. Posteriormente, as informações foram organizadas e dissertadas. Selecionaram-se 8 artigos de um total de 144. Evidenciou-se a falta de conhecimento de jovens acerca do uso de preservativos e do HIV, em contraponto, mesmo entre aqueles que possuem acesso à informação, observou-se baixa frequência do uso de preservativos. A baixa escolaridade e existência de múltiplos parceiros sexuais, comportamento mais comum no sexo masculino, mostraram-se como de risco. Portanto, a transmissão da infecção se processa com noção equivocada do uso dos preservativos, associada à desinformação sobre o curso da doença e transmissão, que se agrava com a baixa escolaridade e socioeconomia e com outros fatores sociais e culturais. Logo, é imprescindível estudos com metodologias que tangenciem para além do biológico e compreendam os aspectos sociais destituídos de ideais sexistas e como eles impactam no comportamento de risco dos jovens brasileiros.

**Palavras-chave:** Fatores de Risco. Comportamento Sexual. Saúde Pública. Sorodiagnóstico da AIDS. Revisão.

## ABSTRACT

The aim of this study was to understand how the transmission of HIV/AIDS takes place among young Brazilian individuals. An integrative review was carried out in the period from 2015 to 2019. The databases adopted were: BVS, SciELO, MEDLINE, BDENF, CVSP - Brasil and Index Psicologia, together with the descriptors “HIV”, “Jovens” (Young) and “Brazil” (Brazil). In addition to the inclusion and exclusion criteria, the six phases of the process of preparing an integrative review for the selection and critical analysis of articles were adopted. Subsequently, the information was organized and presented. Eight articles were selected from a total of 144. It was evident that young people lack knowledge about condom use and HIV, in contrast, even among those who have access to information, a low frequency of condom use was observed. Low schooling and the existence of multiple sexual partners, behavior more common in males, proved to be at risk. Therefore, the transmission of the infection occurs with a mistaken notion of condom use, associated with misinformation about the course of the disease and transmission, which is aggravated by low education and socioeconomics and other social and cultural factors. Therefore, studies with methodologies that go beyond the biological and understand the social aspects devoid of sexist ideals and how they impact the risky behavior of young Brazilians are essential.

**Keywords:** Risk Factors. Sexual Behavior. Public Health. AIDS Serodiagnosis. Review.

## INTRODUÇÃO

A partir de 1980, o mundo começou a voltar sua atenção ao paradigma da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) quando os primeiros casos nos Estados Unidos foram registrados. Nesse período, acreditava-se que essa patologia tinha relação com a imunidade celular comprometida e com o contato sexual de risco o qual era associado, principalmente, às relações homoafetivas (SALES et al., 2017).

Os primeiros casos no Brasil ocorreram por volta de 1982, no estado de São Paulo, momento este em que o país começava a caminhar para a redemocratização e, nesse âmbito de libertação social, o movimento gay teve grande importância para o reconhecimento da AIDS como um problema de saúde pública e que necessitava de políticas governamentais voltadas em especial aos jovens, faixa etária marcada pelo início da atividade sexual e de sexo desprotegido (TRINDADE et al., 2019).

O combate à epidemia no Brasil iniciou ainda na década de 1980, com importante participação de diversos setores da sociedade em torno da solidariedade e na constituição de um movimento firmado no Sistema Único de Saúde (SUS), como forma de garantir um acesso integral, equitativo e igualitário às pessoas vivendo com HIV/AIDS. Essa luta construiu-se a partir de parcerias com a sociedade civil e com a educação sobre sexo seguro em campanhas publicitárias, além disso, a garantia legal da distribuição da terapia combinada, aliada aos avanços tecnológicos e científicos no tratamento, contribuíram de modo significativo para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes (AGOSTINI et al., 2019).

Em relação aos aspectos epidemiológicos, o Brasil possui dados diversificados, sendo que na média de 40 mil novos casos gerais de HIV/AIDS observados no país de 2015 a 2019, a maioria dos casos registrados pertencia à parcela masculina com cerca 67% das notificações. Já o sexo feminino marcou aproximadamente 33% dos casos e, no que tange à faixa etária, a maior concentração dos casos foi observada nos indivíduos com idade entre 20 e 29 anos, em ambos os sexos (PEREIRA et al., 2019).

Nessa perspectiva, deve-se levar em consideração como alvos prioritários de tais medidas de prevenção e de proteção, além dos adultos jovens, os adolescentes, em vista da maior suscetibilidade dessa parcela populacional frente aos riscos de contaminação pelo vírus, afinal, essas faixas etárias possuem características sociais e comportamentais próprias, como a iniciação sexual precoce sem instrução, múltiplos parceiros e manutenção de relações

desprotegidas, as quais podem ampliar a possibilidade de exposição e de contágio (PEREIRA et al., 2014; GALVÃO; COSTA; GALVÃO., 2017).

Assim, este estudo buscou perceber como a transmissão do HIV/AIDS se processa em indivíduos jovens brasileiros (13 a 51 anos), associando a isso os fatores econômicos, sociais e comportamentais que os circundam e os possíveis impactos que eles geram nessa parcela populacional em face desse problema de saúde pública.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de uma revisão da literatura do tipo integrativa, realizada no período de 2015 a 2019, no Brasil. É importante pontuar que esta forma de estudo tem mostrado destaque quando se pauta as pesquisas na área da saúde, sendo uma maneira metodologicamente relevante para a análise das publicações sobre determinado tema, tanto pelo fato de sintetizar o cenário de conhecimento sobre uma temática, quanto pela possibilidade de perceber as lacunas científicas e suscitar, assim, a realização de novas pesquisas, colaborando com a ciência (COSTA et al., 2020).

Para a construção do artigo, adotaram-se as seis fases do processo de elaboração de uma revisão integrativa propostas por Souza et al. (2010) e replicadas por Santos et al. (2020), Leite et al. (2020) e Soares et al. (2019). Em um primeiro momento formulou-se a pergunta “como a transmissão do HIV/AIDS se processa em indivíduos jovens (13 a 51 anos) no Brasil?”, a qual guiou o levantamento bibliográfico. Após isso, estabeleceram-se as seguintes plataformas para a busca dos artigos: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), incluindo as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Campus Virtual de Saúde Pública Brasil (CVSP - Brasil) e Index Psicologia.

Nessas plataformas foram utilizados os seguintes descritores: “HIV”, “Jovens” (Young) e “Brasil” (Brazil), associados através do operador booleano “AND”. Posteriormente, foi realizada a seleção e a análise crítica dos artigos que seguiram a respectiva sequência: 1) leu-se brevemente o título e o resumo; 2) empregaram-se os critérios de inclusão: artigos científicos completos; produzidos na realidade brasileira; publicados em língua portuguesa e inglesa; adequados à temática estabelecida no objetivo, bem como, os critérios de exclusão: resumos simples e expandidos, dissertações, teses e artigos de revisão; 3) quando adequados, foi feita a

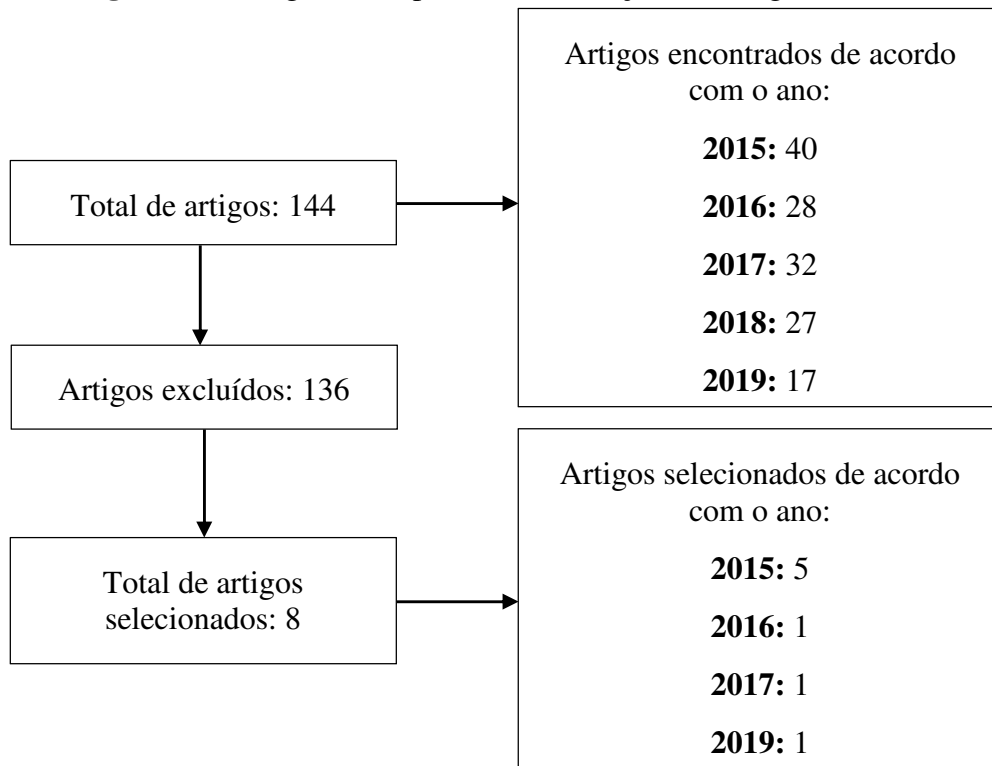
leitura integral e crítica dos artigos, além da retirada das informações necessárias para esta revisão.

As informações extraídas dos artigos selecionados foram organizadas com o auxílio do software *Microsoft Excel*® 2016 em quadro contendo: título, autor, ano, delineamento, amostra, tipo de abordagem e principais resultados. Ao passo, os resultados foram dissertados e discutidos, sendo as lacunas e as inferências abordadas quando imprescindíveis e, por fim, a revisão foi apresentada de maneira clara e compreensível, possibilitando uma avaliação crítica por parte do leitor. Todas as etapas estabelecidas foram cumpridas rigorosamente e os aspectos éticos respeitados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi levantado um total de 144 estudos, excluíram-se 136 e, conforme os critérios estabelecidos foram selecionados 8 artigos (Figura 1). O ano com o maior número de artigos selecionados foi 2015, com cinco, enquanto 2016, 2017 e 2019 tiveram somente um cada. Destes, cinco abordaram a temática de prevenção da infecção por HIV com o uso de preservativos e educação sexual, dois discutiram o perfil dos indivíduos afetados, enquanto um discorreu sobre ambas as temáticas, conforme o Quadro 1.

Ao analisar os estudos, a falta de informações e de conhecimento acerca da prática sexual segura foi tida como o principal fator de risco associado à disseminação da infecção entre a população jovem brasileira, conforme denotaram Gomes et al. (2017). Esse resultado corroborou com os dados divulgados pelo Ministério da Saúde (MS), que ao avaliar o conhecimento correto sobre as formas de transmissão e prevenção contra o HIV por faixa etária, concluiu que os indivíduos entre 15 a 24 anos possuem, muitas vezes, carência de informações (BRASIL, 2016).

**Figura 1.** Fluxograma do processo de seleção dos artigos.

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Essa deficiência de informações pode ser decorrente de múltiplos fatores e Silva et al. (2020), explicitaram um fator bastante pertinente ao evidenciarem que apesar de os entrevistados pelo estudo conviverem majoritariamente no ambiente familiar, dificilmente há diálogo sobre sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) com os pais ou responsáveis, transferindo esse papel educacional para outros meios mais distantes do convívio, como amigos, internet, escola e televisão, tornando o jovem mais vulnerável a essa problemática. Entretanto, é válido ressaltar que em dependência de fatores socioeconômicos e culturais, mesmo o acesso a tais meios alternativos de informação, incluindo-se serviços de saúde, podem não estar disponíveis a uma parcela, deixando-a completamente exposta (RODRIGUES et al., 2016).

Em face dessa situação, Cavalcanti et al. (2015), ao estudarem indivíduos privados de liberdade, evidenciaram que, apesar de citarem o preservativo como um método de prevenção, muitos desconheciam outros métodos preventivos, com partes significativas apontando erroneamente, contraceptivos orais como barreiras para a infecção por HIV, o que permite sugerir a existência de lacunas pertinentes no conhecimento dessa parcela populacional,

resultante de algum problema na disseminação de informações sobre saúde e que não atinge eficientemente esses indivíduos.

Nesse sentido, Andrade et al. (2015) também evidenciaram os aspectos socioeconômicos se materializando e influenciando, quando se trata dos preservativos e sua importância na sociedade, tanto entre homens quanto entre mulheres, sendo estatisticamente observada as disparidades nos índices sobre os métodos preventivos entre as classes sociais no país, quando se comparou os indivíduos de 15 a 24 anos, pertencentes às classes A/B, os quais tiveram um índice maior (68,2%) sobre o uso de preservativos na primeira relação sexual, àqueles de classes D/E (52,4%), ou seja, aos menos favorecidos e/ou socialmente marginalizados (BRASIL, 2013).

Assim, a incidência da doença está intrinsecamente associada a fatores informacionais, que apresentam grande relação ao grau de formação, de tal forma que, comumente, estudos apontam para maior disseminação da AIDS entre indivíduos com baixa escolaridade (PEREIRA et al., 2014; ABREU et al., 2016; PEREIRA et al., 2019). As razões por trás desse fenômeno, além da relação entre nível de ensino e compreensão dos métodos contraceptivos e de prevenção de ISTs, encontram-se na realidade de que a menor escolaridade é advinda de piores condições de renda, impactando, portanto, na limitação do acesso aos serviços básicos, como de saúde (GALVÃO et al., 2017).

Ademais, sem a promoção educativa sobre HIV/AIDS, dificilmente haverá mudança de comportamento por parte da população, uma vez que, influências, concepções e práticas socioculturais sobre as atividades sexuais dos indivíduos ultrapassam o intercuro sexual em si, conforme afirmam Dantas et al. (2015), que apontam também para a adoção de um comportamento sexual de risco, relacionado, muitas vezes, ao uso de álcool, o qual facilita as interações interpessoais e a intensificação do prazer sexual. Sob essa ótica, representa uma variável importante, na medida em que a maioria (66,3%) da população de 15 a 24 anos, faixa etária estudantil, já alegou o ter ingerido em algum momento da vida (BRASIL, 2016). Isso, somado à conclusão de Silva et al. (2016), a qual a maioria dos estudantes manteve pelo menos um intercuro sexual sem o uso de preservativo, sugere que o etilismo e essa faixa etária são uma combinação perigosa.

**Quadro 1.** Síntese dos estudos incluídos, acerca da transmissão do HIV/AIDS entre os jovens, entre os anos de 2015 a 2019, no Brasil.

<b>Título/ autor/ ano</b>	<b>Delineamento/ Amostra</b>	<b>Tipo de abordagem</b>	<b>Principais resultados</b>
<b>Análise do perfil de pacientes com HIV/Aids hospitalizados após introdução da terapia antirretroviral (HAART)</b> NUNES et al. (2015)	Transversal/ 9.797 pacientes	Análise de banco de dados.	Foi constatado que a maior parte das internações se concentra na idade entre 21 e 50 anos, com predomínio do sexo masculino. A ocorrência de óbitos e a duração da internação foram significativamente maiores no sexo masculino.
<b>Conhecimento, atitude e prática de mulheres de um aglomerado subnormal sobre preservativos</b> ANDRADE et al. (2015)	Transversal/ 300 pacientes	Questionário	Quanto ao conhecimento e prática do uso de preservativos entre mulheres de 18-25 anos, a maioria apresentou resultado inadequado sobre o preservativo masculino e sobre o preservativo feminino.
<b>Doenças sexualmente transmissíveis atendidas em unidade primária de saúde no Nordeste do Brasil</b> ARAÚJO et al. (2015)	Transversal/ 5.590 pacientes	Análise de fichas de consulta e prontuários.	A infecção pelo HIV foi mais frequente em homens. Isso se deve aos hábitos comportamentais masculinos que em geral tem vários(as) parceiros(as) sexuais.
<b>Fatores associados ao baixo conhecimento sobre HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens no Brasil</b> GOMES et al. (2017)	Transversal/ 3.746 pacientes	Questionário	Observou-se baixo conhecimento sobre HIV/AIDS entre os homens jovens com idade abaixo de 25 anos que fazem sexo com homens. Escola e televisão são os principais meios de informação para os adolescentes.
			<i>Continua...</i>



<p><b>Fatores associados ao uso de preservativo em jovens - inquérito de base populacional</b> <b>GUTIERREZ et al. (2019)</b></p>	<p>Transversal/ 4.318 pacientes</p>	<p>Questionário</p>	<p>Observou-se baixa frequência do uso de preservativos entre jovens, tanto na primeira como na última relação sexual, sem diferença entre homens e mulheres, apesar do alto grau de conhecimento sobre a importância do uso de preservativo para a prevenção de IST e HIV.</p>
<p><b>Adolescent students knowledge about transmission, prevention and risky behavior related to STD/HIV/AIDS</b> <b>SILVA et al. (2016)</b></p>	<p>Transversal/ 222 pacientes</p>	<p>Questionário</p>	<p>Entre os estudantes que tiveram relações sexuais, a maioria denotou pelo menos um intercurso sem utilização de preservativo. Ademais, grande parte deles mostra desconhecimento sobre as formas de transmissão do HIV.</p>
<p><b>Adolescents in provisional reception: investigative analysis about the vulnerability to HIV</b> <b>CAVALCANTI et al. (2015)</b></p>	<p>Transversal/ 7 pacientes</p>	<p>Questionário</p>	<p>Os participantes mostraram desconhecimento em relação às formas de transmissão do HIV, apesar de muitos citarem o preservativo como método de prevenção.</p>
<p><b>Young academics and the knowledge about sexually transmitted diseases - contribution to care in nursing</b> <b>DANTAS et al. (2015)</b></p>	<p>Transversal/ 135 pacientes</p>	<p>Questionário</p>	<p>A escolaridade é um fator determinante para o comportamento sexual de risco, também se observou que o uso de preservativo foi maior na primeira relação dentre as pessoas com maior escolaridade.</p>

**Fonte:** elaborado pelos autores.

No entanto, ao se emancipar o álcool da prática sexual, notou-se por outro ângulo, que apenas o nível de escolaridade pode impactar de maneira significativa na prática de comportamentos de risco, e isso permite, embora haja exceções, gerar possíveis barreiras contra a disseminação da infecção, visto que indivíduos com ensino fundamental completo alegaram ter utilizado o preservativo na primeira relação sexual em uma proporção maior (65,8%), quando se comparou aos jovens com ensino primário incompleto (35%) (BRASIL, 2013).

Nessa perspectiva, quando se relaciona o acesso aos saberes às práticas sexuais, essa incongruência no uso de preservativos pode ser mitigada a partir de políticas públicas que adotem a educação sexual nas escolas como uma forma de combate a alguns dos inúmeros problemas de saúde pública, sobretudo, quando se percebe e se concebe o educandário como um espaço onde se insere um número expressivo de adolescentes e jovens de um país. Para isso, faz-se necessário superar o modelo curricular e disciplinar atual, de modo que a sexualidade seja abordada de maneira transversal e interdisciplinar, sempre incluindo em intervenções de educação sexual os aspectos sociais, culturais e subjetivos (VIEIRA & MATSUKURA, 2017).

Ao passo, ressalta-se que essa condição de infecção por HIV precocemente pode ser respaldada ainda nas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, como a redução das repercussões do contato dos jovens com a AIDS, em comparação ao início da epidemia, pelos avanços medicinais de controle do vírus e a busca virtual por parceiros, os quais são fatores determinantes para uma subestimação dos danos causados pelo HIV e para uma elevação do comportamento sexual de risco, respectivamente, o que acentua o número de soropositivos em cidades e países, por exemplo, que já haviam reduzido ou estabilizado os casos (DOURADO et al., 2015).

Em contrapartida, embora o preservativo seja o principal meio de prevenção ao HIV, nota-se ainda a resistência ao seu uso por diversos fatores, como a ideia de que há a redução do prazer sexual e a confiança no parceiro, de acordo com Gutierrez et al. (2019), bem como, envolvem-se os aspectos culturais e religiosos que também podem influenciar as práticas individuais e a adoção de comportamentos nocivos à saúde sexual. Nessa linha, Dourado et al. (2015), colocaram que indivíduos não vinculados a qualquer religião apresentaram maior adesão ao uso de preservativos, o que impacta fortemente no número de infectados.

Outro fator relevante a ser considerado ao estudar as taxas de transmissão de HIV são os diferentes comportamentos sexuais entre os gêneros, com destaque aos homens e os seus hábitos sexuais com múltiplos (as) parceiros (as) e a manutenção de relações sexuais sem uso de preservativo, que os expõem a maiores riscos de infecção (ARAÚJO et al., 2015), em relação

as mulheres. Essa tendência também foi observada por outro estudo, no qual evidenciou a maior expansão do HIV entre homens jovens com faixa etária de 15 a 24 anos, em especial ao subgrupo de 15 a 19 anos (SPINDOLA et al., 2015).

A maior incidência na população masculina, assim como a mortalidade elevada nesse gênero, com 42% mais óbitos em comparação à parcela feminina analisada, registrada por Nunes et al. (2015), é um possível indicativo de maior frequência de comportamentos de risco e de não adesão ao tratamento antirretroviral e isso se deve em grande parte à construção social do homem como um sujeito “invulnerável”, o que o leva a procurar menos por serviços de assistência à saúde e por métodos preventivos, deixando-o mais exposto à infecções ou com o seu sistema imune comprometido, caso seja acometido, se não aderir à terapia antirretroviral (TRINDADE et al., 2019).

Dessa forma, a alta prevalência da infecção em adultos jovens, relaciona-se entre outros fatores, com a infecção ocorrida na adolescência, e isso sinaliza a necessidade de haver medidas para essa população, voltadas principalmente para a educação em saúde, uma vez que a precocidade das ações de prevenção e combate impacta na evolução da doença, barrando, assim, os inúmeros problemas acarretados, os quais se estendem desde a integração social, perpassando pelo nível profissional, familiar, até as relações amorosas (PEREIRA et al., 2014).

Contudo, para que a precocidade das ações possa ser efetiva, é importante que a infecção continue sendo percebida com uma ideia que desvie as fronteiras identitárias e, dessa maneira, é preciso considerar a generalidade dos indivíduos, sem a estigmatização de pessoas com HIV ou a taxação de determinados grupos como carreadores inatos do vírus, tal como ocorria em 1990 (CUNHA et al., 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A transmissão da infecção se processa, portanto, a partir de uma percepção equivocada do uso dos preservativos, associada à desinformação tanto a respeito do curso da doença, quanto da própria transmissão a qual se agrava quando se relaciona aos níveis de escolaridade e socioeconômico baixos, aos estigmas que norteiam a prática sexual segura em detrimento da diminuição do prazer sexual, ao etilismo e a distorcida noção de cura dado aos avanços da medicina. Ao passo, ao se tratar da infecção como um desafio de saúde pública, faz-se necessária a adoção de uma postura generalizada e destituída de ideais sexistas.

Esta revisão, embora elaborada com um intervalo curto de levantamento bibliográfico,

detêm de relevância científica, pois conseguiu denotar que as produções que traçam uma discussão socioeconômica e comportamental, na tentativa de compreender o processamento da soropositividade entre jovens brasileiros, ainda são reduzidas, o que de certa forma limita a visualização e o debate acerca da temática. Logo, torna-se relevante para a comunidade científica traçar novas metodologias que trabalhem esse grupo, considerando seus aspectos biopsicossociais e os determinantes sociais que incidem sobre ele e que favorecem esse cenário.

No mais, nesta revisão da literatura, ao compilar e discutir informações sobre uma doença que infelizmente ainda se apresenta como tabu em diversos setores da sociedade e que é bastante negligenciada pela ineficiência das ações de políticas públicas, espera contribuir para uma percepção além do biológico, sinalizando, assim, que a prevenção extrapola as campanhas publicitárias. Afinal, é preciso compreender a posição e situação dos indivíduos para ampará-los e analisá-los integralmente de maneira eficaz.

## AGRADECIMENTOS

À Liga Acadêmica de AnatoHistoFisiologia da Universidade do Estado do Pará, por proporcionar aos seus ligantes o incentivo à pesquisa científica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU SR, PEREIRA BM, SILVA NM, MOURA LRP, BRITO CMS, CÂMARA JT. Estudo epidemiológico de pacientes com infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida (hiv/aids), Caxias-MA. *Rev. Interdisciplin* 9(4): 132-141, 2016.
2. AGOSTINI R, ROCHA F, MELO E, MAKSUD I. The Brazilian response to the HIV/AIDS epidemic amidst the crisis. *Ciênc. Saúde Colet* 24(12): 4599-4604, 2019.
3. ANDRADE SSC, ZACCARA AAL, LEITE KNS, BRITO KKG, SOARES MJGO, COSTA MML, PINHEIRO AKB, OLIVEIRA SHS. Knowledge, attitude and practice of condom use by women of an impoverished urban area. *Rev. Esc. Enferm USP* 49(3): 364-371, 2015.
4. ARAÚJO MAL, ROCHA AFB, CAVALCANTE EGF, MOURA HJ, GALVÃO MTG, LOPES ACMU. Sexually transmitted diseases in primary health care unit in Northeastern Brazil. *Cad. saúde coletiva* 23(4): 347-353, 2015.
5. CAVALCANTI LJ, SILVA RAR, NELSON ARC, PRADO NCC, HOLANDA

- JRR, COSTA MMN. Adolescents in provisional reception: investigative analysis about the vulnerability to HIV. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)* 7(2): 2516-2525, 2015.
6. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de dst, aids e hepatites virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira. Brasília (DF), 2016, 170p.
  7. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de dst, aids e hepatites virais. Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids. Brasília, DF, 2013, 120p.
  8. COSTA PA, ARAÚJO IMC, BURITI ELS, MENDONÇA AEO, ALBUQUERQUE AM. Corpos estranhos em primeiros socorros: revisão integrativa. *Educ. Ci. e Saúde* 7(1): 333-347, 2020.
  9. CUNHA CC. Configurações e reconfigurações do movimento de jovens vivendo com HIV/Aids no Brasil: Identidades e prevenções em jogo. *Sex. Salud Soc. (Rio J.)* 29: 294-312, 2018.
  10. DANTAS KTB, SPINDOLA T, TEIXEIRA SVB, LEMOS ACM, FERREIRA LEM. Young academics and the knowledge about sexually transmitted diseases - contribution to care in nursing. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)* 7(3): 3020-3036, 2015.
  11. DOURADO I, MACCARTHY S, REDDY M, CALAZANS G, GRUSKIN S. Revisiting the use of condoms in Brazil. *Rev. bras. epidemiol* 18(1): 63-88, 2015.
  12. GALVÃO JMV, COSTA ACM, GALVÃO JV. Demographic and socio-demographic profile of people living with HIV/AIDS. *Rev Enferm UFPI* 6(1): 4-8, 2017.
  13. GOMES RRFM, CECCATO MGB, KERR LRFS, GUIMARÃES MDC. Factors associated with low knowledge on HIV/AIDS among men who have sex with men in Brazil. *Cad. Saúde Pública* 33(10): e00125515, 2017.
  14. GUTIERREZ EB, PINTO VM, BASSO CR, SPIASSI AL. Factors associated with condom use in young people - A population-based survey. *Rev. Bras. Epidemiol* 22: e190034, 2019.
  15. LEITE LRV, ARAÚJO ICR, OLIVEIRA FS. Aspectos farmacêuticos da farmacoterapia de feridas: uma revisão de literatura. *Educ. Ci. e Saúde* 7(1): 281-300, 2020.
  16. NUNES AA, CALIANI LS, NUNES MS, SILVA AS, MELLO LM. Profile analysis of patients with HIV/AIDS hospitalized after the introduction of antiretroviral therapy. *Ciênc. Saúde Colet* 20(10): 3191-3198, 2015.
  17. PEREIRA AC, BRADBURY F, ROSSETTI ES, HORTENSE P. Avaliação da dor e fatores associados em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Rev. latinoam. enferm. (Online)* 27:

e3155, 2019.

18. PEREIRA BS, COSTA COM, AMARAL MTR, COSTA HS, SILVA CAL, SAMPAIO VS. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Ciênc. Saúde Colet* 19(3): 747-758, 2014.
19. PEREIRA GFM, PIMENTA MC, GIOZZA SP, CARUSO AR, BASTOS FI, GUIMARÃES MDC. HIV/AIDS, STIs and viral hepatitis in Brazil: epidemiological trends. *Rev. bras. epidemiol* 22(Supl 1): e190001, 2019.
20. RODRIGUES JA, SILVA LHFD, ALBUQUERQUE SGED, NOGUEIRA JDA, ANJOS UUD, NASCIMENTO JAD. Fatores contribuintes da vulnerabilidade individual dos jovens ao HIV. *Rev. bras. ciênc. Saúde* 20(2): 141-148, 2016.
21. SALES WB, CAVEIÃO C, VISENTIN A, BREY C, KERKHOFF ACC, VASCO MJB. Perfil epidemiológico do HIV/AIDS do Estado do Paraná: Estudo ecológico. *Rev. enferm. atenção saúde* 6(1): 114-122, 2017.
22. SANTOS AKC, ARAÚJO TA, OLIVEIRA FS. Farmacoterapia e cuidados farmacêuticos da gripe e resfriado. *J. Biol. & Pharmacy and Agricult. Management* 16(2): 137-155, 2020.
23. SILVA LCL, RIBEIRO LCS, ARAÚJO-FERREIRA J, ABRANTES MSDAP, DIAS DEM, SANTOS MGMC. Conhecimento de homens jovens sobre infecção pelo hiv e fatores associados. *Rev. baiana enferm* 34: e37098, 2020.
24. SILVA RAR, NELSON ARC, DUARTE FHS, PRADO NCC, HOLANDA JRR, COSTA DARS. Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)* 8(4): 5054-5061, 2016.
25. SOARES RX; SOUSA MNA; FILHO JLSA; MARIANO NNS; EGYPTO IAS. Dor em neonatos: avaliações e intervenções farmacológicas e não farmacológicas. *Rev. Ciênc. Méd. Biol* 18(1): 128-134, 2019.
26. SOUZA, MT; SILVA, MD; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)* 8(1): 102-106, 2010.
27. SPINDOLA T, PIMENTEL MRRA, BARROS AS, FRANCO VQ, FERREIRA LEM. Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jovem: pesquisa bibliométrica. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)* 7(3): 3037-3049, 2015.
28. TRINDADE FF, FERNANDES GT, NASCIMENTO RHF, JABBUR IFG, CARDOSO AS.

Perfil epidemiológico e análise de Tendência de HIV/AIDS/Epidemiological profile and trend analysis of HIV/AIDS/Perfil epidemiológico y análisis de tendencia del HIV/SIDA. *J. Health NPEPS* 4(1): 153-165, 2019.

29. VIEIRA PM, MATSUKURA TS. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Rev. bras. Educ* 22(69): 453-474, 2017.